

MARIA JESUS ROBALO SEMEDO

*PROPOSTA DE INTRODUÇÃO DA HISTÓRIA LOCAL NO
ENSINO SECUNDÁRIO NO CONCELHO DE SANTA
CATARINA*

Trabalho Científico apresentado no ISE obtenção do grau de Bacharel em Ensino de História, sob orientação da Dra. Antonieta Auselinda da Conceição Lopes.

O Júri

Praia, _____de _____de 2007

DEDICATÓRIA

*Em memória de minha mãe Maria Rosa Robalo
Às minhas filhas Eveliene Robalo Galvão e Diana Robalo Galvão*

Com todo o meu amor e carinho.

Com o seu contributo, o povo cabo-verdiano enriqueceu a humanidade com valores novos, tais como: a sua língua, as tradições orais, a sua música, a sua dança. Esses valores constituem marca única do povo cabo-verdiano e é obrigação dos herdeiros desses valores preservá-los e transmiti-los às gerações futuras.

Carlos Carvalho, in Cabo Verde Trinta Anos de Cultura

(...) Gostaria de expor um desejo que muito acalento: ver as nossas crianças a estudar a nossa história, desde o primário, para conhecerem, logo cedo, quem foram os seus antepassados, de onde vieram e as agruras que tiveram que transpor para sobreviverem nestas ilhas “escalabradas”; os heróis que devem respeitar e ter como exemplo de vida. Só assim será possível desenvolver Cabo Verde sem no entanto perdermos a nossa identidade neste mundo globalizado.

Iva Cabral, in Cabo Verde Trinta Anos de Cultura

ÍNDICE

Introdução	6
I. Contexto geográfico e sócio educativo.....	10
1.1. Breve apresentação do concelho de Santa Catarina.....	10
1.2. Situação do ensino secundário no concelho.....	12
II. História Local: Interesse teórico e pedagógico.....	15
2.1. Conceito e abrangência da história local.....	16
2.2. Estratégias de exploração didático – pedagógica.....	18
2.3. Vantagens do estudo da história local para o ensino secundário.....	22
III. Roteiro temático para o estudo da história local do concelho de Santa Catarina no ensino secundário.....	25
3.1. Eixos temáticos para o estudo da história local.....	25
3.2. Estratégias de enquadramento curricular.....	27
3.3. Exemplo de roteiro temático e sugestões de exploração pedagógica.....	29
Conclusão.....	31
Bibliografia.....	33

INTRODUÇÃO

O trabalho que ora se apresenta constitui um dos requisitos à obtenção do grau de Bacharel em Ensino de História pelo Instituto Superior de Educação, no curso de formação à distância, ministrado por esta instituição desde o ano 2000.

Tratando-se de um curso de formação em ensino de História, pareceu-nos de grande utilidade centrar o trabalho final na realidade do nosso concelho e do ensino da disciplina de História. Daí a proposta de História Local na Escola Secundária de Santa Catarina cuja principal finalidade é apresentar um conjunto de temas específicos do concelho que merecem ser abordados no Ensino Secundário, numa perspectiva de maior inserção dos estudantes no seu meio físico e social, económico e cultural.

Constituem objectivos desta proposta:

- Despertar maior interesse para o conhecimento da História com base na realidade concreta do estudante.
- Fornecer um conjunto de temas de interesse para o conhecimento do concelho de Santa Catarina.
- Sensibilizar para a valorização da abordagem da história local como método de ensino de História.

Para responder a estes objectivos, procurámos basear o trabalho em obras de natureza didáctica sobre o ensino da História e em informações sobre o concelho em estudo. Privilegiámos assim a abordagem teórica baseada na análise de obras sobre o assunto e

apoiada pela reflexão crítica permanente. Procurámos, ainda completar o trabalho com um exercício prático. Foi nossa preocupação em termos de metodologia estabelecer alguma relação entre a teoria e prática, na certeza de que estas duas dimensões estão sempre presentes e interligadas na actividade docente.

Deste modo, no primeiro capítulo do trabalho faz-se um breve enquadramento do tema, quer em termos conceptuais quer em relação à especificidade do concelho, traduzida esta em dados estatísticos e outros, com destaque para a situação do ensino secundário.

O capítulo segundo é constituído por um conjunto de reflexões e contribuições sobre o estudo da história local no campo pedagógico, constituindo uma estratégia privilegiada para o despertar do interesse dos jovens pela sua realidade, assim como para a valorização dos recursos e conhecimentos locais, podendo transformar a aprendizagem da história e estudo do meio num processo de efectiva construção do conhecimento.

O capítulo terceiro traz uma amostragem de possíveis temas e conteúdos de interesse para o estudo da realidade do concelho a partir da História e de disciplinas próximas, assim como sugestões de estratégias pedagógicas mais apropriadas e respectivas áreas de integração e exploração. A nossa intenção é também valorizar a abordagem interdisciplinar cujas vantagens no ensino explicamos na primeira parte do trabalho.

A estruturação do trabalho e a selecção dos subtítulos tiveram como base a preocupação por um trabalho que nos permitisse desenvolver e aprender “algo mais” sobre o ensino da História. Por exercer há muito tempo a profissão docente, julgamos que os programas de ensino muito têm a ganhar com um enfoque mais centrado na realidade do estudante. Com efeito, de acordo com a Didáctica da História, a aprendizagem deste conhecimento se torna muito mais eficaz quando parte da realidade do aluno, pois a própria realidade está imbuída de História.

Cada edifício, tradição, praça, arte, indústria ou festa tem uma “história para contar”, surgiu em contextos determinados, serviu de referência a várias gerações de uma comunidade, como defendem autores da especialidade. São essencialmente estas as razões que estiveram na base da nossa escolha: interesse pedagógico-didáctico e sentido de pertença à comunidade. Razões que igualmente estiveram na base das escolhas de referências bibliográficas feitas para a ancoragem teórica do trabalho.

A ideia do estudo da História a partir da realidade local é defendida, muitas vezes, como estratégia de sucesso na aprendizagem desta disciplina, especialmente na educação básica onde há maior dificuldade de abstracção, mas igualmente válida nos demais níveis de ensino. Esta abordagem corresponde, de resto a um princípio fundamental da didáctica que sublinha a importância de se passar do mais simples para o mais complexo, do próximo para o distante e do conhecido para o desconhecido. Neste caso se enquadra a ideia de história local.

Maria Cândida Proença, autora que nos serviu de referência principal para este trabalho, sublinha a importância do estudo do meio e da história local como recurso didáctico que permite atingir diversas metas de carácter científico e didactico-pedagógico. De entre as várias apresentadas, transcrevemos: ¹

- ”A observação do meio e consequente pesquisa permite o desenvolvimento de capacidades intelectuais como a análise, enquanto classifica, compara e discrimina os diversos dados obtidos na investigação, a que se seguirá um trabalho de síntese final”.
- ” Por se tratar de trabalhos de pesquisa, o aluno pode iniciar-se no método de investigação histórica exercitando outros processos científicos como a formulação de critérios hipotético-dedutivos e desenvolvendo a observação directa e indirecta”.
- ” Pelo estudo do meio é possível concretizar a interdisciplinaridade através da abordagem didáctica de situações que implicam a relação de fenómenos que podem envolver diferentes áreas científicas, mas que têm como denominador comum o facto de se desenvolverem num lugar e época concretos”.
- ”Ao iniciar-se no estudo do meio o aluno irá seguir as três etapas que tradicionalmente caracterizam o labor historiográfico: a heurística das fontes, a sua crítica respeitando os caracteres interno e externo e, posteriormente, a elaboração da síntese global”.

¹ MANIQUE, António Pedro e PROENÇA, Maria Cândida. (1994) **Didáctica da História Património e História Local**. Lisboa. Texto Editora.1994. p. 27.

Refira-se ainda a contribuição desta metodologia para a inserção de crianças e jovens no seu meio, permitindo consequentemente melhor conhecimento das instituições locais e preparando para uma futura integração na sociedade.

De acordo com a mesma autora, o estudo da História local deve valorizar a planificação das “actividades a desenvolver, os meios disponíveis, os objectivos a alcançar e os possíveis temas de trabalho”.² Do ponto de vista prático, aconselha a formação de grupos de trabalho e a preparação de visitas de estudo e uma integração permanente antes da síntese final. É nesta perspectiva teórica que se baseia o nosso trabalho, pelo que a proposta apresentada procura conciliar os princípios, técnicas e métodos anteriormente enunciados.

Várias foram as dificuldades enfrentadas ao longo do processo de elaboração deste trabalho de fim de curso, desde a definição do tema até à construção da versão final, passando pela procura de fontes nem sempre abundantes. Mas durante este tempo diversas pessoas nos prestaram apoio e colaboração tão necessários a trabalhos desta natureza. Para todos, que directa ou indirectamente contribuíram para esta realização – em especial à minha orientadora, pela paciência e disponibilidade, ficam os meus sinceros agradecimentos.

Graças ao esforço envidado e aos apoios recebidos as dificuldades acabaram por constituir um novo processo de aprendizagem e motivação para estudos mais aprofundados e sobretudo, para a aplicação na prática lectiva da proposta apresentada. Esperamos ter oportunidades de abraçar o desafio e concretizar este ensejo.

² Op. cit., p. 28.

I. CONTEXTO GEOGRÁFICO E SÓCIO – EDUCATIVO

Pretende-se com este capítulo situar o trabalho no contexto que o inspirou, ou seja, o concelho de Santa Catarina. Procederemos assim, a uma breve apresentação com base em dados estatísticos, com destaque para os relativos ao ensino secundário. As informações de carácter geral são provenientes do INE, enquanto que as relativas à educação foram extraídas de uma conferência da autoria do actual Delegado do Ministério da Educação e Ensino Superior no concelho.

1.1. Breve apresentação do concelho de Santa Catarina

O Concelho de Santa Catarina constitui uma das vinte e duas actuais circunscrições administrativas do país, estando organizada em diversos núcleos populacionais, dos quais Assomada se encontra à cabeça. Ocupa uma superfície de 243 km², representando 6% da superfície total do território nacional e 24% da Ilha de Santiago.

A sede do concelho, Assomada, foi elevada à categoria de cidade no ano 2001. Com uma população de 49.829 habitantes no ano 2000 (Censo 2000) sobre uma superfície de 242,9km², Santa Catarina é dos concelhos mais populosos do país.

Apesar de o seu principal centro urbano ter sido elevado à categoria de cidade em 2001, Santa Catarina é ainda conhecido com um concelho essencialmente rural, posto que a grande maioria da população vive no campo, onde se dedica à agricultura de sequeiro e de regadio, apoiada por actividades de criação de gado e algum artesanato tradicional. De acordo com os dados de 2000, apenas 7.067 pessoas viviam no espaço urbano.

O concelho movimenta um importante volume de negócios e está presente na vida da ilha enquanto um dos eixos principais do comércio mercante, com uma das mais importantes “feiras” do país. Não obstante, persistem ainda fragilidades a nível de infra-estruturas, água e saneamento básico. O índice de pobreza é bastante elevado, sendo referenciado no Programa Municipal de Luta contra a Pobreza, segundo o qual, Santa Catarina alberga cerca de 11.826 pobres, representando 26,1% da população, e 5.237 muito pobres, equivalente a 11,5% da população.³

Informações colhidas num relatório sobre a situação do concelho no ano 2000 dão conta de um saneamento bastante deficiente, quando apenas 7,33% da população possuíam casa de banho, persistindo então hábitos de saneamento mais rurais na grande maioria da população.

Análises feitas aos dados estatísticos sobre o concelho no ano 2000 permitem inferir uma realidade demográfica marcada por uma população jovem e forte densidade populacional (205,9 habitantes por quilómetro quadrado). O concelho contava então com 9.910 agregados familiares, sendo 4.684 chefiados por homens e 5.226 chefiados por mulheres. A população infantil era de 23.647 crianças com menos de 15 anos, sabendo que 15.118 crianças correspondiam à faixa etária dos 4 a 12 anos.⁴

A outros níveis, Santa Catarina destaca-se pelo seu clima ameno, por uma significativa exuberância e diversidade paisagísticas e por importantes manifestações e práticas culturais que ganham actualmente um grande relevo enquanto potenciais factores de desenvolvimento do turismo. Desenvolvimento esse a que a educação não pode ficar alheia, e que, uma vez mais, reforça o interesse pela história local: afinal, quem, melhor do que estudantes conhecedores da sua localidade, poderá contribuir para a salvaguarda e promoção dos seus valores históricos e culturais?

³ Relatório Municipal de Luta Contra a Pobreza, ano 2001 (?)

⁴ Instituto Nacional de Estatística, Censo de 2000. Concelho de Santa Catarina

1.2. Situação do ensino secundário no concelho

A situação escolar de Santa Catarina é marcada por uma percentagem significativa de estudantes nos vários níveis de ensino, dentro e fora do concelho. No ano lectivo de 2005/2006, de acordo com informações do Delegado do MEES no concelho, estavam inscritos 2.525 inscritos de ambos os sexos em estabelecimentos de educação Pré-escolar, 10.979 no ensino básico, 7.037 no ensino secundário, repartidos entre o Liceu Amílcar Cabral, a Escola Técnica e o Centro de Ensino de Assomada, este um estabelecimento de carácter privado. Registavam-se ainda 186 formandos na Escola de Formação de Professores do Instituto Pedagógico e 280 inscritos da educação de adultos.⁵

No que concerne ao ensino secundário, o concelho destaca-se por albergar o mais “populoso” estabelecimento de ensino secundário do país – o Liceu Amílcar Cabral, com 5435 alunos inscritos em 2005, de acordo com o mesmo documento em referência.

A existência no concelho de dois importantes estabelecimentos de ensino secundário público, a frequência significativa de um estabelecimento privado, a perspectiva de construção de uma nova escola secundária confirmam a grande procura deste nível de ensino, aliás coerente com a existência de uma população elevada de jovens.

A possibilidade de seguir estudos superiores na própria ilha e no exterior – hoje potenciadas com o concurso da Câmara Municipal, faz aumentar ainda mais a procura de ensino secundário. Refira-se também que no Concelho acontecem formações de natureza técnica e profissional, seja através da Escola Técnica seja ainda do Centro de Emprego e Formação Profissional, ou mesmo por outras instituições.

A paisagem urbana e social de Assomada e de Santa Catarina, no geral, está definitivamente marcada pelas escolas secundários e seus elevados contingentes de jovens estudantes.

⁵Informações colhidas junto à Delegação do Ministério da Educação e Ensino Superior no Concelho.

Considerando o estabelecido na Lei de Bases do Sistema Educativo, o ensino secundário dá continuidade ao ensino básico, tendo a duração de 6 anos lectivos estruturada em 3 ciclos de ensino, sendo o 1º Ciclo ou Tronco Comum (7º e 8º anos), o 2º Ciclo (9º e 10º anos) e o 3º Ciclo (11º e 12º anos), este com uma via geral e uma via técnica.

São objectivos do ensino secundário:⁶

- a) Desenvolver a capacidade de análise e despertar o espírito de pesquisa e de investigação;
- b) Proporcionar a aquisição de conhecimento com base na cultura humanística, científica e técnica visando nomeadamente, a sua ligação com a vida activa;
- c) Promover o domínio da língua portuguesa reforçando a capacidade de expressão oral e escrita;
- d) Facilitar ao aluno o entendimento dos valores fundamentais da sociedade em geral e sensibiliza-lo para os problemas da sociedade;
- e) Garantir a orientação e formação profissional permitindo maior abertura para o mercado de trabalho sobretudo pela via técnica;
- f) Permitir os contactos com o mundo do trabalho visando a inserção dos diplomados na vida activa;
- g) Promover o ensino de línguas estrangeiras.

De notar que o primeiro objectivo faz referência ao desenvolvimento do espírito crítico e à capacidade de investigação. A valorização de temáticas da história local é um meio de concretização deste objectivo, a par de outros dos quais podemos destacar, a integração no mercado de trabalho e o entendimento dos valores da sociedade.

⁶ LEI N° 103/III/90, de 29 de Dezembro. Lei de Bases do Sistema Educativo.

Estamos em crer que apostar na história local nas escolas secundárias de Santa Catarina será um forma criativa e enriquecedora de se conferir maior especificidade ao ensino no concelho, identidade às escolas e interesse aos estudantes e à população em geral, uma vez que será um meio de juntar escola e sociedade num projecto comum.

II. HISTÓRIA LOCAL: INTERESSE TEÓRICO E PEDAGÓGICO

A História de um país, na perspectiva global, nacional, normalmente não dá conta da diversidade de situações vividas. Paralelamente à história nacional desenvolvem-se várias histórias a nível das localidades, dos concelhos, das ilhas, no caso de um país arquipélago como Cabo Verde. Daí que o conhecimento da história de cada parte do todo que é o país deverá constituir objecto de pesquisa própria num campo que pode ser designado por História Local. As histórias locais ainda que muitas vezes ausentes dos estudos da história nacional, constituem complementos à mesma, na medida em que permitem aprofundar e ilustrar com factos mais concretos e pormenorizados as perspectivas gerais, umas vezes comprovando-as, outras contradizendo-as, mas sempre enriquecendo-as e aproximando-as da diversidade do real vivido.

Neste sentido, o estudo da história local revela-se uma estratégia de grande valor no processo de conhecimento histórico, reafirmando o carácter relativo e sempre incompleto do mesmo. Com efeito, novos estudos de história local poderão sempre explicar, confirmar ou mesmo questionar as verdades assumidas. Por esta razão, e por que fazer história é procurar conhecer e tornar inteligível a história, incentivar os estudos de história local constitui uma via importante no caminho da verdade histórica.

É neste pressuposto que defendemos a valorização da história local de Santa Catarina como um meio de consolidação e enriquecimento da História de Cabo Verde. Estamos em crer que as vivências das populações de Santa Catarina, quer as actuais quer as do passado, representam experiências únicas no processo histórico do nosso país. As experiências vividas, seja a nível económico e administrativo seja a nível social e cultural, constituem marcos importantes para a compreensão da história nacional.

A título de exemplo, podemos referir-nos à agricultura e às revoltas do passado, ao comércio e à criação de gado e, muito especialmente, às artes tradicionais, nomeadamente a

olaria, a panaria, a cestaria, entre outras. São igualmente de assinalar as manifestações religiosas, as organizações culturais como a tabanca e os rituais do quotidiano, assim como toda a vivência ligada à emigração.

São pois múltiplas as possibilidades de estudo da História de Santa Catarina e acreditamos que os resultados de pesquisas levadas a cabo neste domínio virão contribuir para um melhor conhecimento do concelho e maior esclarecimento dos seus cidadãos e cidadãs de hoje e servir de testemunho e memória para as gerações vindouras.

Para além do grande valor da história local para o conhecimento da História, importa realçar as suas vantagens no campo pedagógico, pois é particularmente deste que nos ocupamos no presente trabalho.

2.1. Conceito e abrangência da história local

Convém começar por estabelecer alguma clarificação da noção de história local e delimitar este campo de estudo. É certo que todos temos uma ideia do que querará significar história local, podendo-se aplicar o conceito ao estudo de uma cidade, a uma comunidade rural, um município ou outra qualquer realidade geográfica e/ou temática perfeitamente delimitada.

Não parece muito claro até onde se poderá estender o sentido de local aplicado ao estudo da história. Existe contudo uma possibilidade. Trata-se de seguir as próprias delimitações de ordem administrativa e política. Porque não aproximar, por exemplo, a história local ao espaço do poder local? Ao município, neste caso. Mas não será o próprio município uma realidade passível de ser decomposta em múltiplas outras realidades e espaços mais delimitados? Que significará história local?

Germano Lima num artigo sobre cultura material como fonte histórica, publicado na Revista Científica da Universidade Pública de Cabo Verde, apresenta uma clarificação do conceito de história local, a qual passamos a citar:

“ (...) concebemos a história local como um recorte geográfico, administrativo, económico, social e cultural, que deverá ser observado e analisado com recurso a múltiplas fontes, nomeadamente materiais, escritas, orais, arqueológicas, iconográficas, entre outras”.

Acrescenta: “Por conseguinte, o historiador – local é, para nós, aquele que estuda um espaço físico relativamente reduzido, cujo objecto é a respectiva comunidade nos seus aspectos administrativos, económicos, antropológicos, culturais, entre outras dimensões historiográficas”.

O autor apresenta a história local como “campo de observação histórica com uma abordagem historiográfica em inter – conexão com a história – geral e, com relação ao tratamento das fontes, numa encruzilhada de documentos históricos, escritos e não escritos”.⁷

Sublinhamos desta citação a natureza delimitada do espaço – tempo da história local, as múltiplas abordagens temáticas e metodológicas possíveis e, não menos importante, a contribuição deste tipo de história para a história geral, nacional. Por constituir um recorte histórico bastante delimitado, a história local torna-se propícia a análises mais exaustivas de uma comunidade, nos diferentes aspectos do seu modo de vida, assim como ao desenvolvimento de estudos interdisciplinares.

Podendo permitir um alargado leque de temas e a utilização da metodologia de investigação história de forma consistente, a história local associa-se, contudo, a áreas de estudo que ponham o acento nas populações, privilegiando, assim, temas referentes à vida quotidiana (alimentação, vestuário, costumes), às manifestações religiosas como as festas da comunidade e às questões culturais de forma mais abrangente (podendo incluir a medicina tradicional, as crenças populares, entre outras temáticas).

⁷ LIMA, António Germano. *A Cultura Material Como Fonte Histórica: o caso do património construído da Praia*. In.: **Revista Científica da Universidade de Cabo Verde**. n.º.2.2006.

Interessantes estudos de história local põem ainda o acento nos indivíduos: pessoas que, pela sua vivência, pelo trabalho, pela vida, deram uma contribuição especial à história da comunidade. O estudo dessas personalidades vivas ou preservadas na memória dos habitantes do local em estudo constitui também uma possibilidade em história local.

Podemos entender que a história local será acima de tudo aquela que, privilegiando um meio geográfico e sócio – cultural delimitado e normalmente próximo, se debruça sobre a vida das comunidades. Trata-se de um campo aberto à imaginação e ao interesse de historiadores e estudantes que a poderão configurar de acordo com referências mais amplas. Em nosso entender, será sempre uma forma criativa de se dar a conhecer a realidade próxima e tornar mais significativos factos que de outro modo cairiam no esquecimento. E lutar contra o esquecimento, preservar a memória, constitui um dos maiores desafios da História.

2.2. Estratégias de exploração didáctico – pedagógica

Até aqui procurámos demonstrar a especificidade e importância da história local enquanto campo de trabalho em História e a sua própria relevância pedagógica. Neste ponto, ocupar-nos-emos essencialmente desta segunda vertente. Como poderá a história local ser estudada a partir das escolas secundárias? Que possibilidades de análise, que métodos e estratégias privilegiar?

Para responder a estas questões, vamos centrar-nos em autores que se debruçaram mais sobre o ensino e a aprendizagem da história, com destaque para Maria Cândida Proença, e em experiências realizadas por professores /investigadores, com base em informações colhidas na Internet.

A valorização da história local a nível do ensino requer a adopção de estratégias pedagógicas adequadas às diferentes temáticas, que, por sua vez, devem ser definidas tendo em atenção o interesse, a faixa etária e as condições de aprendizagem dos alunos e aos

recursos e condições da própria escola. Quase todas as estratégias utilizadas no estudo do meio se prestam ao campo da história local, mas podemos destacar as seguintes:

- Observação orientada pelo professor ou por um guião previamente concebido.
- Entrevistas e recolha de histórias de vida de personalidades da comunidade.
- Visitas de estudo a locais de interesse – museus, centros culturais, espaços do património natural, lugares de produção artesanal e moderna.
- Dramatização de lendas, relatos e vivências da comunidade.
- Produção de mapas, quadros e painéis sobre actividades profissionais e a vida cultural da população.
- Construção de roteiros para visitas organizados por temáticas.
- Leitura de obras literárias de referência sobre a história da comunidade.
- Encontros com artistas, escritores, artesãos, contadores de histórias e outras pessoas de referência na comunidade.

Estas são apenas algumas das muitas estratégias que podem ser utilizadas na descoberta da história local. Na verdade, “em História, o ensino pela descoberta só pode realizar-se a partir da iniciação do aluno ao método da pesquisa histórica, isto é, pela promoção do pensamento histórico. O aluno gradualmente ir-se-á habituando ao modo de pensar que caracteriza o historiador”.⁸

A didáctica renovada e o ensino pela descoberta defendidos por esta autora, requerem que o professor abandone gradualmente a “sua posição de único detentor do saber, de transmissor de conhecimentos, para se tornar um animador de situações de aprendizagem”. Concordamos com a autora em que de facto só haverá verdadeira mudança na aprendizagem da história se se mudarem os métodos didácticos.

É importante desenvolver capacidades nos alunos e isto pode fazer-se por uma construção progressiva do conhecimento, dos conceitos, com recurso sistemático aos métodos activos. A história local é, em nosso entender, um aliado extraordinário na construção das

⁸ PROENÇA, Maria Cândida. (1989) **Didáctica da História**. Lisboa. Universidade Aberta. 1989. p.97.

capacidades dos alunos e no ensino pela descoberta. Ao estudar temas próximos da sua própria vida, os estudantes compreenderão mais depressa que “ a História é vida. Dá-nos uma nova visão e ajuda-nos a compreender o mundo em que vivemos”, no dizer de Maria Cândida Proença.

Estamos cientes da dificuldade que pode existir na renovação didáctica num ambiente de trabalho docente marcado por turmas numerosas, insuficiência de espaços e de tempo e por uma estrutura de organização do horário de trabalho bastante rígida. Contudo, estamos igualmente em crer que só com alguma ruptura se poderá realizar mudanças significativas no ensino da história.

Pensamos que mesmo numa situação de horário e organização “tradicionais” é possível fazer a diferença, começando, não pelas actividades que exigem esforços muito elevados, mas por alterações dentro da própria aula. As sugestões que se seguem podem constituir alternativas exequíveis e de fácil aplicação, para além de vantajosas no estudo da história local: Eis algumas:

- Comentário de textos, resumos e sínteses.
- Crítica de trabalhos, artigos de jornal, sobretudo para os níveis mais avançados.
- Debates, mesas redondas entre os estudantes, se possível com a participação de professores convidados e reunião de turmas.
- Visualização de filmes e debate sobre os mesmos.
- Produção de textos e trabalhos criativos com base na história.

O estudo da história local poderá também ser visto como positivo para os próprios professores, que através deste processo poderão tornar-se mais investigadores e reforçar a relação entre o ensino da história e a investigação, muitas vezes de costas voltadas. Como poderão os docentes promover estas mudanças no ensino num quadro de programação rígida, sem grande liberdade para alterações? Pensamos que as mudanças metodológicas poderão acontecer gradualmente, embora devam resultar de uma planificação e vontade conscientes. Será mais fácil e enriquecedor procurar trabalhar em equipas de professores, por exemplo,

através da coordenação da disciplina, ou mesmo com professores de outras disciplinas, quando for possível implementar projectos interdisciplinares.

Um dos relatos de experiência que consultámos, refere que “da mesma forma como somos muitas vezes obrigados a adoptar livros didácticos, que em geral são inadequados para o tipo de realidade na qual trabalhamos, mesmo assim conseguimos transformar esse material em um instrumento positivo, explorando justamente suas deficiências, também podemos nos libertar da camisa de força que é o currículo. Podemos “desfragmentar” esse conhecimento, ir além daquela história que busca apenas introduzir as primeiras noções de socialização, mas uma história que coloca o aluno como ser que participa de um todo maior, de um grupo amplo de pessoas que tem o estigma de serem cidadãos de um mundo ainda mais amplo e real do que a sua família, a sua escola, o seu bairro.”⁹

Estes autores, professores com experiência desenvolvida no domínio da história local, defendem que o método de ensino através da pesquisa é, actualmente, uma das melhores formas de desenvolver no jovem estudante a capacidade de ordenar e de criar conhecimento, tirando do professor a tarefa de ser o “dono do saber”, fazendo com que ele se torne um orientador, que aprende e produz conhecimento junto com os seus estudantes. Deste modo, afirmam, a criança poderá organizar as suas ideias, aprender através do debate, num verdadeiro processo de construção do conhecimento. “A valorização da história local é o ponto de partida para esse processo de formação do cidadão, do agente histórico, pois ela irá romper com a noção de história que se prende apenas ao passado, aos grandes nomes e aos grandes feitos”.

A aplicação destes princípios poderá constituir uma experiência inovadora para o professor, um verdadeiro desafio, pessoal e institucional. Como se afirma no relato em referência “O educador consciente procura na criatividade uma forma de romper com os obstáculos que enfrenta no dia-a-dia. Mas ser criativo soluciona apenas uma parte do problema”. É necessário um ambiente de trabalho adequado, com material, recursos e acções

⁹ SOUTO, Paulo Heimar e DIAS LEAL, Rita de Cássia. História Local e Ensino de História: múltiplos olhares a partir do litoral ao sertão sergipano. Pesquisado no site www.ichs.ufop.br/perspectivas/anais/GT0406htm 20/07/07

de capacitação constantes. É necessário que haja um constante acompanhamento desses professores, para que eles possam desenvolver as suas capacidades.

Entendemos assim que a mudança do ensino da história, que pode ser impulsionada pelo estudo da história local não depende unicamente dos professores. Exige a intervenção de especialistas a vários níveis, que acreditem num ensino renovado. Mas, o primeiro passo pode partir das escolas e a partir delas dar origem a um espaço de reflexão, renovação de métodos e agregação de profissionais em torno de uma proposta comum. Processo que, em nosso entender, deverá poder contar com a orientação e o suporte permanente das instituições de formação.

2.3. Vantagens do estudo da história local para o ensino secundário

Nos pontos anteriores procurámos fundamentar a relevância teórica e pedagógica da introdução da história local no ensino. Fizemo-lo do ponto de vista do conhecimento histórico e em relação às questões de ordem pedagógica e didáctica. Desta feita, pretendemos analisar o interesse do estudo da história local para o desenvolvimento do aluno, para o seu processo de conhecimento, desenvolvimento pessoal e consciência cívica.

O estudo da História reúne um conjunto de finalidades, com enfoque, por um lado, nos processos de socialização e inserção na realidade que rodeia o aluno e, por outro, despertar atitudes de respeito pelo outro, a compreensão da diferença, o desenvolvimento da tolerância. A história deve ainda promover “abertura de espírito” face à diferença e promover o diálogo entre culturas, povos, comunidades e a intercompreensão dos povos.

Hoje em dia, convencionou-se chamar de cidadania ao conjunto destas questões: sentido de pertença, domínio das regras, conhecimento das normas, espírito de diálogo, participação, respeito pelos valores como tolerância e aceitação do outro. O desenvolvimento da cidadania tem vindo a merecer cada vez maior destaque a nível curricular e nos processos de formação.

E, a par de uma cidadania local, faz-se também um forte apelo à ideia de cidadania global, de consciência planetária. Mas onde e como se começa a construir a cidadania? Que poderá a história local ter a ver com isso?

O estudo da história local, já o afirmámos, permite aproximar a criança e o jovem do seu meio, reforçar a integração na sociedade em que vive. Além disso, estudar a sua própria realidade a partir de uma metodologia adequada e activa desenvolve a autonomia da criança e do jovem e pode servir como um despertar da curiosidade e o interesse pela descoberta. A escola, a que quem foi incumbida a tarefa de formar o cidadão, muitas vezes parece ignorar que a cidadania começa a partir da valorização do local e do regional, para então remeter-se ao nacional e, quiçá, mundial. A valorização da memória da comunidade local, cidade ou município favorece o desenvolvimento do espírito crítico, assim como o sentido de pertença e compromisso com o bem comum.

Através do conhecimento da história da sua comunidade, o aluno irá localizar-se dentro da sua ilha e do seu país, aprendendo a diferenciar economia local de economia nacional, a descobrir as formas próprias, por vezes únicas, desenvolvidas na sua comunidade, aprendendo assim a valorizá-las cada vez mais. Do mesmo modo, poderá começar a desenvolver a sua consciência política a partir do conhecimento das instituições locais e a própria ideia de História, enquanto domínio de conhecimento, será descoberta, construída a partir da história da sua localidade.

Neste campo da história local, “o processo de aprendizagem confunde-se com a iniciação à investigação, deslocando a problemática da integração entre ensino e pesquisa para todos os níveis de conhecimento, mesmo o mais elementar. A pesquisa é assim entendida como o caminho privilegiado para a construção de autênticos sujeitos do conhecimento que se propõem a construir sua leitura do mundo”¹⁰

Atendendo à multiplicidade de temas e estratégias possíveis no estudo da história local, os trabalhos desenvolvidos poderão também facilitar um ensino individualizado, mais centrado no aluno. O que é a pesquisa se não uma forma privilegiada de desenvolvimento de

¹⁰ KNASS, Paulo. Sobre a Norma e o óbvio: a sala de aula como lugar de pesquisa. Pesquisado no site WWW. Historiadoensino.blogspot.com/ 20/06/2007

um trabalho pessoal? A individualização, de acordo com Francesco de Bartolomeis,¹¹ é uma preocupação fundamental da pedagogia actual. Ela permite a cada aluno aprender segundo o seu ritmo. Permite manifestar e desenvolver as suas potencialidades, assumir iniciativa nas actividades. Julgamos que projectos bem conduzidos e voltados para a descoberta da história local podem conduzir à realização desta meta.

A criança poderá explorar o universo da pesquisa, a partir da sua comunidade e descobrir que a História é dinâmica e compreender que ela própria participa da história como sujeito. Conhecer o seu lugar, reconhecer o papel dos outros num mesmo espaço e em tempos e espaços diferentes, constituem, afinal, formas de preparar para a vida, de desenvolver a cidadania e de reforçar a solidariedade entre povos e gerações.

¹¹ BARTOLOMEIS, Francesco. *Introdução à Didáctica da Escola Activa*. PROENÇA, Maria Cândida (1989) *Didáctica da História*. Lisboa. Universidade Aberta.1989. p.96

III. ROTEIRO TEMÁTICO PARA O ESTUDO DA HISTÓRIA LOCAL DO CONCELHO DE SANTA CATARINA NO ENSINO SECUNDÁRIO

Na sequência do que temos vindo a defender até aqui, a proposta de roteiro que se segue tem como principal finalidade constituir um exemplo, de possíveis temas, respectivos conteúdos e estratégias de integração nas actividades curriculares do ensino secundário. Não se trata, de forma alguma, de uma selecção a ser aplicada no ensino secundário. Pretendemos sobretudo despertar para esta possibilidade, sendo certo que um programa real teria que estar em consonância com os princípios que referimos por diversas vezes, nomeadamente a adequação em relação aos alunos, às condições da escola, às possibilidades do currículo e outras questões do contexto.

3.1. Eixos temáticos para o estudo da história local

A abordagem da história local, como toda a inovação que se pretenda introduzir no ensino, demanda um esforço de organização, imaginação e trabalho conjunto. A escolha de temas deve traduzir o interesse dos intervenientes e constituir uma oportunidade de desenvolvimento dos estudantes. Também podem ser importantes factores exteriores à escola, como por exemplo, a existência de ONGs ou outras organizações que **podem** colaborar nos projectos desenvolvidos, programas lançados por entidades governamentais, instituições de carácter privado, etc. Obras de natureza teórica sobre o ensino da história podem servir de inspiração e orientação, assim como autores de referência no panorama nacional, com destaque para João Lopes Filho. Este autor de uma vasta produção sobre a cultura cabo-verdiana sugere linhas de pesquisa que podem ser de grande valor para trabalhos de projecto no domínio da história local.

Sugerimos uma organização temática que tenha em conta os seguintes eixos:

1. Contexto geográfico e ambiental: lugares, paisagens, flora e fauna. Especificidades do município/ lugar.
2. Organização do espaço e da população: relação espaço e actividade económica; distribuição dos aglomerados populacionais (urbano/rural) distribuição da população.
3. Modos de vida: Modernos/tradicionais/mistos; rurais /urbanos; meios de vida/rendimentos das famílias; vida quotidiana e espaço doméstico.
4. Actividades económicas: agricultura, pecuária, comércio, pesca, serviços.
5. Actividades transformadoras: indústria, artesanato tradicional.
6. Manifestações culturais: religião, arte, música e danças, festas populares.
7. Património cultural: património construído, cultura material, património imaterial.
8. Movimentos sociais: revoltas, lutas de classes, grupos inovadores.
9. Personalidades: pioneiros, líderes, revolucionários; artistas, artesãos, curandeiros
10. Representações da comunidade: imprensa escrita, literatura, teatro, tradição oral, arte, iconografia.

Estas dez temáticas podem constituir eixos de abordagem numa perspectiva de história local. Poder-se-á considerar sempre que possível a relação passado/presente, que permitirá valorizar o sentido de evolução e tirar partido das potencialidades de cada temática.

Outro reparo importante: a ideia de história local potencia dimensões nem sempre presentes na análise histórica tradicional. A valorização do meio, dos recursos naturais da comunidade, assim como as novas áreas de desenvolvimento económico, podem perfeitamente ser trabalhadas ao lado de assuntos mais tradicionais como as crenças, a culinária ou os remédios “di terra”. Importante é fazer escolhas com sentido para a compreensão da comunidade em estudo.

3.2. Estratégias de enquadramento curricular

No capítulo segundo referimo-nos às estratégias de exploração pedagógica das temáticas referentes à história local. Neste ponto pretendemos perspectivar formas de enquadramento e integração a nível do currículo. A ideia é de analisar as potencialidades de integração no programa de uma disciplina ou num conjunto de disciplinas. Passaremos em revista a

problemática de integração disciplinar e a interdisciplinar, uma vez que a história local pode constituir objecto de estudo a partir de várias disciplinas, quer separadamente quer em intervenções comuns, caso do trabalho de projecto.

Muitas das temáticas sugeridas podem ser abordadas no quadro das disciplinas, sem alterar muito a programação das mesmas. É assim que os assuntos referentes às actividades económicas podem ter enquadramento a nível da disciplina de Introdução à Actividade Económica, Geografia, História ou Economia. As questões relativas ao espaço e ambiente natural podem ser enquadradas nas áreas das Ciências da Natureza e da Geografia, enquanto que os temas ligados às fomes, às lutas sociais, às revoltas, serão temáticas privilegiadas da História. Temáticas como os movimentos populacionais, internos e em direcção ao exterior, as secas e as fomes e outros fenómenos directamente ligados às dinâmicas demográficas, podem constituir objecto de estudo da Matemática, através da formulação de problemas, da produção de gráficos e da estatística em geral.

O estudo da história local pode também ser um estímulo ao desenvolvimento das artes: o desenho, a música, a poesia e outras formas de representação. A aprendizagem das artes tradicionais pode também resultar da valorização dos recursos e da história por uma escola de ensino técnico, por exemplo.

Um projecto de história local será sem dúvida mais enriquecedor se trabalhado a partir de uma abordagem interdisciplinar. Neste caso o estudo pode ser muito mais completo, associando num projecto várias vertentes. Estas poderão ser realizadas com a intervenção das várias disciplinas do currículo. A abordagem interdisciplinar deverá assentar numa planificação conjunta, que inclua para além dos objectivos, as responsabilidades de cada área interveniente, a distribuição de tarefas, o cronograma e a indicação de um mecanismo de monitorização.

Diferentemente de outras inserções na história local por via disciplinar, que podem acontecer de forma quase espontânea e com autonomia em relação às outras disciplinas, o trabalho de projecto requer um seguimento coordenado, com a participante de professores e alunos, que normalmente aderem com entusiasmo. Trata-se, como escrevem António Pedro Manique e Maria Cândida Proença na obra *Didáctica da História – Património e História Local*, de “uma actividade intencional, e como tal, compreendida e desejada pelo aluno. O

projecto visa a realização de uma produção material ou um serviço, sendo o conjunto de tarefas necessárias à sua concretização empreendido espontaneamente pelo aluno”¹²

O trabalho de projecto parte de um problema que se coloca e ao qual se procura dar resposta. Propõe-se como resultado esperado uma produção muito concreta. Pode ser um jornal de parede, uma peça de teatro, uma exposição, um núcleo museológico, a produção de uma página na Internet ou o registo em CD de canções tradicionais. A escolha será feita em função dos recursos e especificidades da escola e da comunidade e dos interesses dos alunos e professores envolvidos. O facto de se esperar um resultado objectivo e visível serve de motivação aos alunos e facilita o processo de monitorização e mesmo de divulgação à comunidade educativa, acabando por servir como meio de sensibilização de pessoas não directamente envolvidas.

O problema do projecto poderá partir de um tema integrador, por exemplo a vida cultural da comunidade, a vida económica ou qualquer outra temática. Estas serão subdividas em eixos a serem trabalhados por diferentes grupos de alunos e orientados por professores das disciplinais envolvidas no projecto. Procurar-se-á definir tarefas concretas e apoiar o trabalho por fichas ou guiões de orientação para as visitas a locais de interesse, entrevistas, recolha de informações sobre o património e sistematização de informações históricas sobre a comunidade. Os registos facilitarão o posterior trabalho de análise dos dados e sistematização das informações relevantes. Além disso, os registos são necessários no quadro da iniciação dos alunos à pesquisa. Muitas vezes o próprio resultado é um determinado tipo de registo. É o caso da criação de um jornal, por exemplo.

Os estudantes envolvidos nos projectos de estudo da história local terão a ganhar se for estabelecido um sistema de encontros regulares (quinzenais, por exemplo) para o ponto de situação, partilha de dados e reorientação da pesquisa, quando necessário. O trabalho de projecto contribui de forma muito especial para a integração de saberes e competências disciplinares, interdisciplinares e, mesmo transdisciplinares, hoje tão procurados no ensino.

¹² MANIQUE, António Pedro e PROENÇA, Maria Cândida. (1994) **Didáctica da História Património e História Local**. Lisboa. Texto Editora.1994.p.16

Quer se opte por desenvolver o estudo a nível de uma única disciplina quer se desenvolvam projectos interdisciplinares, é importante manter uma ligação estreita com os conteúdos curriculares. O estudo sobre a história local – sob a forma de trabalho de projecto ou outra – deverá servir para enriquecer as diferentes disciplinas, daí que a escolha de uma área para o estudo da história local deva ter em atenção o programa de cada disciplina e implicá-los numa espécie de processo de investigação – acção.

3.3. Exemplo de roteiro temático e sugestões de exploração pedagógica

Eixos temáticos	Conteúdos	Estratégias	Disciplinas de integração
1.Contexto geográfico e ambiental	Lugares, paisagens, flora e fauna. Especificidades do município/ lugar. Problemas ambientais. Recursos naturais. Toponímia e História.	Estudo do meio. Mapas. Visitas de estudo. (Serra Malagueta, Ribeira dos Engenhos)	Homem e Ambiente Geografia Mundo Contempor. EVT. Ciências Naturais
2. Organização do espaço e da população	Relação entre o espaço e as actividades económicas, distribuição dos aglomerados populacionais (urbano/rural) distribuição da população.	Representação gráfica da fixação humana. Relação com os modos de vida.	História Homem e Ambiente Geografia
3. Modos de vida 3.1 Vida quotidiana	Modernos/tradicionais/ mistos; rurais/urbanos; meios de vida rendimentos das famílias Organização do espaço doméstico. Gastronomia; Ocupação dos Tempos Livres: jogos tradicionais e outras formas de socialização. Saúde.	Análise do mundo rural. Ligação urbano/rural no espaço da cidade. Investigação sobre as formas de socialização e actividades quotidianas.	Mundo Contempor. Cultura CV Matemática Sociologia Língua Portuguesa.
4. Actividades Económicas 4.1. Agricultura	Tipos de actividades; problemas específicos de cada uma. Produção agrícola. Espécies agrícolas e processos de produção. Técnicas antigas e modernas de combate às pragas. Erosão. Produtos comercializados	Visitas de estudo e entrevistas a agricultores. Recolha de informações sobre o volume de produção hoje e antigamente	Homem e Ambiente Mundo Contempor. I A.E

4.2.Comércio	Principais casas comerciais. O mercado de Assomada. Comércio informal e grande comércio.	Pesquisa sobre os comerciantes e as casas comerciais mais antigas	História Mundo Contempor. IAE.
4.3. Indústria	Fabrico de aguardente e de mel. Panificação, Produção alimentar tradicional. Técnicas de conservação. Matérias-primas.	Visitas a trapiches e outros centros de produção, distribuição e venda de produtos	Disciplinas do ensino técnico.
4.4.Pesca	Destino da produção. Tipos de pesca. Conservação. Portos. Técnicas utilizadas.	Contacto com pescadores	Biologia
5.Artesanato	Cestaria, Panaria, cerâmica; Técnicas e materiais utilizados. Artesanato e vida quotidiana. Instrumentos de trabalho.	Contacto com oleiras de Fonte Lima; levantamento de técnicas e instrumentos.	E.V.T. Áreas técnicas Cultura CV IAE
6.Manifestações culturais	Música, Funaná e Batuque, histórias tradicionais. Festas religiosas e festas populares. Rituais.	Pesquisa sobre rituais e festas tradicionais. Participação nas festas locais.	Língua Portuguesa Cultura CV História
7. Património cultural	Património construído, cultura material, património imaterial.	Visitas: Casa de Amílcar Cabral e o Museu Tabanka	Cultura CV Desenho EVT
8. Movimentos sociais	Revoltas, lutas de classes, grupos inovadores.	Visitas e pesquisa: Engenhos, Ribeirão Manuel	História Mundo Contempor.
9. Personalidades:	Pioneiros e líderes locais, revolucionários; artistas, artesãos, curandeiros, antigos emigrantes.	Entrevistas, histórias de vida, encontros com pessoas da comunidade.	Língua Portuguesa História Cultura CV
10. Representações da comunidade	Imprensa escrita, literatura, teatro, tradição oral, arte, iconografia. Temáticas presentes/secas e fomes, emigração.	Produção de peças de teatro. Leitura de poemas e contos. Conversa com “gente grande”	Língua Portuguesa EVT Educação Artística Desenho

CONCLUSÃO

A realização deste trabalho académico teve na base uma inquietação em relação ao ensino da história no ensino secundário. Será que a forma como a História é ensinada neste nível de ensino contribui para motivar os alunos, para lhes despertar o interesse por esta e outras disciplinas? Esta é quase uma interrogação de retórica, pois, sabemos por experiência e contactos com colegas professores da disciplina e com estudantes, que nem sempre os programas e as condições de trabalho têm sido favoráveis ao desenvolvimento desta disciplina. Foi com base nestas preocupações que nos propusemos trabalhar sobre a História Local, temática sobre a qual iniciámos uma reflexão, procurando ilustrar as nossas ideias com um exercício prático – uma proposta de roteiro.

As leituras que fizemos no processo de elaboração do presente trabalho de fim de curso, conjuntamente com as conversas tidas com pessoas ligadas ao ensino da História, permitiram-nos despertar para este campo da História Local. Consideramos que se trata de um recurso ao alcance de todos os docentes e que pode ser aproveitado em função das habilidades e do interesse de cada um e aplicado aos diferentes níveis de ensino.

O nosso objectivo neste trabalho era acima tudo despertar o interesse pela problemática, ilustrar com exemplos possíveis e apresentar argumentos em defesa da nossa posição. Não pretendemos substituir as orientações institucionais, nem temos competência para o fazer, muito menos pôr de lado o dinamismo próprio do espaço pedagógico. Queremos com isso sublinhar que este trabalho é um exercício académico, com a intenção de despertar para o estudo da história local e para necessária mudança ao nível dos métodos e da prática pedagógica no ensino da História. Neste sentido, algumas conclusões se nos apresentam:

O estudo da História Local constitui uma estratégia privilegiada para o processo de conhecimento histórico dos estudantes do ensino secundário, uma vez que lhes permite iniciar-se na investigação e reconhecer-se como sujeitos da História.

A História Local facilita a construção dos conceitos fundamentais de tempo, facto, gerações e espaço, assim como um conjunto de vocabulário específico da área cujo sentido se torna mais facilmente apreensível a partir do meio conhecido do aluno.

O estudo da história local facilita a implementação de uma abordagem interdisciplinar e é propício ao desenvolvimento de trabalhos de projecto e outras metodologias activas, permitindo associar e ultrapassar as fronteiras disciplinares.

A definição de um programa de estudo da história local deve resultar da vontade do colectivo ou de núcleos organizados de professores. Nesse contexto, a selecção dos temas, a adopção de estratégias, a definição de actividades e outros aspectos inerentes ao processo, deverão resultar de um trabalho conjunto do colectivo. Só assim poderá corresponder a mudanças na própria concepção do ensino e da aprendizagem em história. E só assim reunirá o consenso e o interesse dos professores para fazer desta dimensão da história um aliado na construção do conhecimento histórico e um meio de revolucionar o ensino da disciplina nas escolas secundárias.

Estamos cientes de que o estudo da História Local de um Concelho como Santa Catarina constitui um desafio para muitos intervenientes e muito tempo. Mas é só partindo que se pode chegar a algum lado. Da nossa parte, a caminhada começou e esperamos que possa prosseguir por longo e frutífero tempo. Com mais investigação, aplicação no ensino e novos trabalhos.

BIBLIOGRAFIA

BARTOLOMEIS, Francesco. (1984) **Introdução à Didáctica da Escola Activa**. Lisboa. Livros Horizonte.1984.

CARDOSO, Carlos Manuel. (1996) **Educação Multicultural Percursos para Práticas Reflexivas**. Lisboa. Texto Editora. 1996.

CORREIA E SILVA, Filinto Elísio (Coordenação). (2005) **Cabo Verde 30 Anos de Cultura 1975 – 2005**. Praia. Instituto da Biblioteca Nacional e do Livro. 2005.

DUARTE, Ana. (1994) **Educação Patrimonial Guia para professores, Educadores e Monitores de Museus e Tempos Livres**. Lisboa. Texto Editora. 1994.

KNASS, Paulo. **Sobre a Norma e o óbvio: a sala de aula como lugar de pesquisa**. Pesquisado no site WWW. Historiadoensino.blogspot.com/ 20/06/2007

LIMA, António Germano. *A Cultura Material Como Fonte Histórica: o caso do património construído da Praia*. In.: **Revista Científica da Universidade de Cabo Verde**.nº.2.2006.

LOPES FILHO, João. (1981) **Subsídios para um Levantamento Cultural**. Lisboa. Plátano Editora. 1981.

_____(2003) **Introdução à Cultura Cabo-Verdiana**. Praia. Instituto Superior de Educação. 2003.

MANIQUE, António Pedro e PROENÇA, Maria Cândida. (1994) **Didáctica da História Património e História Local**. Lisboa. Texto Editora.1994.

MATTOSO, José. (1988) **A Escrita da História**. Lisboa. Editorial Estampa. 1988.

PROENÇA, Maria Cândida. (1989) **Didáctica da História**. Lisboa. Universidade Aberta. 1989.

ROLDÃO, Maria do Céu. (1990) **Gostar de História**. Lisboa. Texto Editora. 1990

SOUSA CARVALHO, Adriana. (2004) **O Objecto e a Escrita**. Praia. Instituto da Biblioteca Nacional e do Livro. 2004.

SOUTO, Paulo Heimar e DIAS LEAL, Rita de Cássia. *História Local e Ensino de História: múltiplos olhares a partir do litoral ao sertão sergipano*. Pesquisado no site www.ichs.ufop.br/perspectivas/anais/GT0406htm 20/07/07

VILA NOVA, Elisa. (1994) **Educar Para o Ambiente Projectos para a Área – Escola**. Lisboa. Texto Editora. 1999.